

Cadernos de Educação homenageia, com a presente edição, Paulo Freire. Neste ano de 2007, lembramos 10 anos da presença-ausente no cenário político-educacional brasileiro e mundial do educador, político e filósofo da educação Paulo Freire (1921-1997). Contra o mero culto a personalidades ou à divinização dos mortos, Cadernos quer propor reflexões a partir do pensamento freiriano. O desejo é ajudar o mundo da educação e da política a aprender com sua prática e com o seu direito de dizer a palavra, que não apenas ele o exerceu, mas trabalhou para que todos pudessem fazê-lo. A proposta, então, não é incensar a biobibliografia de Freire, mas atualizá-la como referência para nosso tempo, presentificando o caráter revolucionário que assumiu a sua presença no mundo, acreditando que a melhor forma de homenageá-lo é não sermos “freirianos”, mas recriarmos, a cada dia, o seu pensamento. Queremos juntar-nos àqueles que têm dito ao mundo que Freire ainda nos ajuda a manter viva a esperança contra toda a “malvadeza” dos tempos atuais e trabalham para que a “boniteza” da vida vá acontecendo um pouco mais a cada dia.

Pesquisas realizadas na FaE/UFPel têm trabalhado, para garantir maior sistematização da vida e da obra de Paulo Freire, desde a periodização do seu pensamento. Há um primeiro período, mais longo, de 1921 a 1964, intensamente vivido por Freire e que teve Recife e Jaboatão como cenários, onde registrou a sua infância, a sua adolescência, a sua formação escolar, tempo-espço em que foi proces-sando as raízes afetivas, intelectuais e políticas de seu pensamento.

Um segundo tempo da vida e da reflexão de Freire localiza-se em seu período de exílio – 1964 a 1980 – tempo-espço, como bem lembra ele, de saudades do Brasil, de dúvidas acerca das possibilidades da educação, das perguntas: afinal, por que mesmo não deixaram que a efetiva alfabetização acontecesse no Brasil; tempos, da mesma forma, da consolidação da concepção da intrínseca relação da educação com a política.

O terceiro período, 1980 a 1989, é o tempo do reencontro com o Brasil, com a sua Recife, com os sabores da sua brasilidade. Se, por um lado, é o tempo das perguntas acerca da submissão de seu pensamento pelo ideário capitalista, liberal, é também o tempo da recriação de sua práxis. Coerentemente com tal propósito, Freire praticamente não escreveu textos por si mesmo, mas, em diálogo com outras pessoas com quem trabalhava, assessorava e orientava.

O quarto período liga-se a sua estada à frente da Secretaria Municipal de Educação do município de São Paulo (SME/SP). Tempo de complexos desafios, Freire esteve na SME de janeiro de 1989 a maio de 1991 na condição de Secretário da Educação da Cidade de São Paulo. No ano de 1960, em Pernambuco, Freire já ocupara posto de gestor educacional

como Diretor de Cultura da Prefeitura do Recife. No Movimento de Cultura Popular (MCP), Freire foi Diretor da Divisão de Pesquisa. Da mesma forma, antes, foi Diretor do Serviço de Extensão Cultural da então Universidade do Recife. Em 1964, Freire havia sido nomeado Coordenador do Programa Nacional de Alfabetização pelo MEC. Mais recentemente, no final dos anos oitenta, convidado pela Prefeita Erundina, Paulo aceitou o desafio. Embora as incompreensões que teve de lidar, através da sua obra que resultou da experiência, “Educação na Cidade”, é possível encontrar reflexões sobre os mais diversos problemas da educação brasileira, sobre mudar “a cara da escola”, os desafios em relação à democracia na educação, à valorização do magistério, às relações de poder, à alfabetização de jovens e adultos.

Por fim, o quinto e último tempo: 1991 a 1997. Paulo saiu da SME antes de completar o tempo de gestão da Erundina, pois declarava intenções de “escrever outros livros”, tarefa considerada central. Freire escreveu sete novas obras (principais): Pedagogia da Esperança, Educação na Cidade, Professora Sim Tia Não, Cartas à Cristina, Educação e Política, À Sombra desta Mangueira e Pedagogia da Autonomia.

Para dar materialidade à intenção de homenagear Paulo Freire, trazemos, neste número de Cadernos de Educação, dois textos estrangeiros e dez textos nacionais. O primeiro texto é a parte final do artigo do pesquisador português Antônio Nóvoa, *La pédagogie, les enseignants et la recherche: réflexions en chantier*. Com esta parte, que tem como subtítulo *Commentaires sur la place et l'état de la recherche en éducation*, concluímos a publicação deste artigo, que teve início na Revista nº 27, duas edições atrás. Na sequência, apresentamos um artigo com uma instigante entrevista, inédita no Brasil, com Paulo Freire, sob o comando da Professora Rosa Maria Torres. É uma satisfação podermos compartilhar a fala de Paulo Freire com nossos assinantes e leitores.

Iniciando os textos nacionais, apresentamos o artigo de Balduino Antonio Andreola, que também está conectado diretamente com o pensamento de Paulo Freire. Intitulado “A universidade e o colonialismo denunciado por Fanon, Freire e Sartre”, esse texto discute fatos, situações, concepções e modismos acadêmicos que revelam formas gritantes de colonialismo, questionando os caminhos que tem tomado a Reforma Universitária. Em seguida, está o texto de Alaíde Rita Donatoni e Maria Cândida de Pádua Coelho intitulado “Reflexões sobre o ensino, pesquisa e formação de professores na sociedade contemporânea”. O artigo traz uma reflexão sobre algumas questões relativas à formação de professores no contexto da sociedade contemporânea, tendo como princípio básico a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a formação, tomada como fator indispensável a uma formação de qualidade.

Dando continuidade, apresentamos três artigos que discutem propostas inovadoras em termos pedagógicos. “Pedacursão: uma experiência de formação em educação musical na pedagogia” é um texto de Eduardo Guedes Pacheco, que aborda as possibilidades de realização de um trabalho pedagógico que envolva a música, tendo como orientadores professores e professoras não necessariamente especialistas nesta área. Após, está o texto de Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula intitulado “Escola no hospital: espaço de produção de subjetividades, cultura e transformação social”. Apresenta dados de uma pesquisa de doutorado a respeito de práticas educativas de professoras que trabalhavam com crianças e adolescentes que estavam em tratamento em um Hospital Filantrópico da Bahia. Concluindo este bloco está o texto de Quéfren Weld Cardozo Nogueira, “Educação física, jogo e cultura”, que analisa como o jogo pode ser visto como uma produção cultural envolvida com questões como poder, identidade, relações sociais e com a produção de significados sociais, tendo como referência o trabalho de Kischimoto.

O próximo texto é de autoria de Flávia Obino Corrêa Werle, intitulado “Colégio Estadual Paula Soares: a prática reflexiva como narrativas da vida institucional”. Fala da vida de professores de escolas públicas e das instituições em que trabalharam. Mostra que são muitas as formas de prática reflexiva e que ela pode incidir sobre instituições, situações, aspectos do cotidiano bem como eventos e relações hierárquico-institucionais. Em seguida, está o texto de Giana Lange do Amaral, “O periódico católico pelotense ‘A Palavra’: aspectos sobre a igreja católica e a educação nas primeiras décadas do século XX”. O texto mostra que a Igreja Católica combatia a laicização e a secularização e, por extensão, todos os movimentos político-sociais e culturais que defendessem essas idéias, voltando-se, em Pelotas, para as atividades clericais e educacionais.

Dois textos são apresentados na continuidade, tratando de temas da contemporaneidade. O primeiro é o texto “A educação em tempos de crise paradigmática: análise da proposta de Edgar Morin”, de Janete Netto Bassalobre, que faz uma reflexão sobre a caracterização do modelo de racionalidade que preside a ciência moderna e indica os elementos que promovem a sua crise, apontando para o surgimento de um paradigma emergente. O outro texto é “A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimentos”, de Inês Hennigen. A autora focaliza algumas das peculiaridades da contemporaneidade, tomando como pano de fundo as críticas ao projeto da Modernidade, cujos desdobramentos fazem-se sentir em nosso tempo.

Encerrando este número, apresentamos mais um artigo que tem como referência central Paulo Freire. Intitulado “O compromisso com a formação para a liberdade no Brasil e

na África: Homenagem a Paulo Freire”, os autores Gomercindo Ghiggi e Martinho Kavaya recuperam o vigor da construção filosófica freiriana acerca da complexa relação da autoridade com a liberdade, expondo breves reflexões em torno da africanidade de Freire, mostrando a potência e a amplitude de seu pensamento e de suas ações.

Desejamos a todos uma leitura crítica e prazerosa!